

DOS NAVIOS PARA AS FÁBRICAS:
IMIGRANTES ROMENOS ENTRE OS OPERÁRIOS IJUIENSES
DOS ANOS QUARENTA

*Regina Weber**

Computando-se as informações disponíveis (em livros de registro, folhas de pagamento, entrevistas) acerca do local de nascimento de operários que foram admitidos nas fábricas ijuíenses entre 1935 e 1945 – período abrangido pela pesquisa –, pode-se afirmar que: a maior parte dos trabalhadores (46%) veio de outras cidades do Rio Grande do Sul; 1/3 (29%) nasceu em Ijuí mesmo e um terceiro grupamento demarcável é o de estrangeiros (22%). Convém observar que a participação efetiva dos europeus na força de trabalho fabril de Ijuí era maior que esse percentual de 22%, pois eles eram uma mão-de-obra mais permanente, isto é, eles permaneciam nos estabelecimentos mais tempo que os outros empregados admitidos no mesmo período.

Dentre uma dezena de países citados como local de nascimento desses estrangeiros, sobressaem a Romênia (41%), Rússia (23%) e Alemanha (19%). Pelo relato dos entrevistados, sabe-se que muitos destes romenos eram etnicamente germânicos. É desse expressivo contingente de romenos que trata esse artigo: através da narrativa de alguns destes que eram trabalhadores fabris em Ijuí, nos idos dos anos trinta e quarenta, ficamos conhecendo os condicionantes que levaram cidadãos europeus, através do Atlântico, até o interior do Rio Grande do Sul, onde tornaram-se operários.

* Departamento de História. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre-RS.

Bessarábios: guerras, seca comunismo

Pode-se afirmar que é expressiva a porcentagem de romenos entre os trabalhadores ijuienses admitidos no período em estudo; pelos cálculos com os registros disponíveis eles correspondem a 8,7%. E, a julgar pela relativa facilidade de se localizar atualmente esses teuto-romenos e seus descendentes, sua estabilização no trabalho e na cidade é parte de um processo social mais amplo, que pode ser melhor compreendido, buscando as razões que os levaram a deixar a Europa, ou, mais especificamente, a **Bessarábia**.

"... o meu pai era da Rússia, da Romênia, Romênia. Mas acontece que a Romênia, na época o meu pai nasceu lá era... Romênia! Depois foi dominado pela Rússia. A Bessarábia depois passou pra ser, a pertencer ao território russo. O russo assumiu, tomou conta lá, como tá fazendo agora muitas vezes. Então ali... Eu nasci na Romênia! O meu pai nasceu na Rússia, mas no mesmo lugar (...) Os meus antepassados, os meus avôs, bisavôs, isso eram alemães. Vieram da Alemanha pra Rússia. Era a Rússia na época do César, isso antes do comunismo, né. O César pediu imigração. Que nem aqui veio pro Brasil, imigrantes alemães; assim foram pra Rússia. E aí onde meus antepassados foram pra lá e se estabeleceram lá como agricultores."²

As disputas entre os países na delimitação dos seus territórios nacionais reaparece para esses narradores como uma dificuldade em definir sua própria nacionalidade: "Então quer dizer, meus papéis são tudo da România"³. Se a nacionalidade era, em última análise, definida pelo registro de nascimento, a posição étnica, isto é, a identidade germânica é bem clara:

"Não, lá na România se falava em romeno. Mas lá também tinha gente, alemão como nós aqui, tudo misturado. Lá tinha muita gente alemã também, né. Que nem aqui. Volta e meia tu encontra um alemão aí, né. Que a gente se conhece tudo né. Era assim. Mas a escola mesmo tinha a língua deles, como aqui o português."⁴

É preciso conhecer um pouco a história política da Bessarábia, para se entender a fala dos entrevistados. A população da Bessarábia (2.957.000 habitantes em 1925) era composta por 50% de molvados, 20% de ucranianos e muitos judeus, búlgaros e alemães. Mesmo sendo étnica e historicamente romeno, o território sempre foi reivindicado pela Rússia, que, por fim, logrou anexá-lo. Com a queda do Império russo em 1917 e o estabelecimento das Repúblicas Soviéticas, os bessarábios mais influentes declararam a autonomia e se formou um Conselho Nacional. Temendo

o terrorismo que invadia a Rússia, pediram auxílio militar à Romênia, com o que também preparavam a união com este estado. Em 24 de janeiro de 1918, o Conselho Nacional da Bessarábia proclamou a conversão da província em República Moldava Independente e renunciou à toda conexão com a União Soviética; em 27 de novembro o Conselho decide pela união voluntária e incondicional com a Romênia. A Rússia não reconheceu a união, vendo a região como um território ocupado; os delegados de ambos países não chegaram a um acordo nos encontros de 1922 e 1924 e a província ficou então em estado de ocupação militar, com as tropas romenas percorrendo a margem direita do Dniester e os soviéticos as observando da esquerda. Ademais, a guerra e os acontecimentos posteriores na Rússia alteraram a vida econômica e política da Bessarábia. Após a anexação, toda a Romênia ficou em estado de sítio. Afirmando estar salvando a província do bolchevismo, o governo romeno realizou uma reforma agrária na Bessarábia, expropriando propriedades particulares com mais de 100 hectares para entregá-las aos camponeses. A Bessarábia foi incorporada à Rússia durante a 2ª guerra Mundial, em 1940.

Com esses dados fica mais fácil compreender porque as imagens da guerra e do comunismo, além da pobreza derivada da seca, são recorrentes quando os entrevistados comentam os motivos que os levaram a deixar a Europa:

“Por causa de miséria, eram muitos anos, muito seco, não deu mais nada quase né. Esse foi em 22, 23, 24, 25. Uma seca atrás da outra, quase não deu mais prá viver mais lá. Por causa disso e por e mais por causa das guerras. Esse guerra de 14, já essa ainda nós tava lá, mas quando essa guerra agora última guerra, né, então nós tava pronto. A mãe não queria ficar, só por causa dos filhos; nós era 10, 8 irmãos e 2 irmãs e por causa disso a mãe gostaria de sair.”⁵

... que meu pai serviu na guerra de 14, né. E depois da guerra não tinha mais chance porque o comunismo assumiu né e ele não queria se sujeitar àquele regime comunista né, aí nós viemos embora.

(...) E o comunismo não era... na época... Hoje dizem que é melhor, eu não sei, eu não boto a mão no fogo pelo comunismo, mas dizem que hoje é melhor, mais... folgado, um pouco mais... liberado, né. Mas na época do Stalin, quando ele assumiu, aquilo era, era (horível).”⁶

A busca de terras, que motivara seus antepassados a sair da Alemanha, também é uma explicação para a partida desses alemães da Romênia.

“Nossa família era grande, então o pai também não tinha muita coisa contra que nós sáisse; ainda sobrou muita gente lá.”⁷

“Meu pai veio prá cá. Ele queria terra. lá tem muita pouca terra, muita pouca terra, muita gente e pouca terra, então a gente não podia viver mais como, vamos dizer aqui os colonos. O pai sempre queria ser assim. Um granjeiro assim.”⁸

Os teuto-romenos nos cafezais

O fenômeno da migração intercontinental não pode ser explicado apenas pelos condicionantes que impulsionam a saída; a existência de um ponto de chegada, a possibilidade de uma alternativa de vida é, às vezes, fundamental. Por que o Brasil? Por que Ijuí?

Para quem folheia os registros de trabalhadores das fábricas ijuíenses, prestando atenção aos dados dos “rumenos”, verá que a data de entrada no Brasil é quase sempre 1926⁹. Ao conversar com alguns deles, outra recorrência⁶; a passagem pelos cafezais paulistas:

“Foi uma comissão que pediu trabalhadores para fazendas de café, São Paulo, e nessa base nós chegamos aí.”¹⁰

... trabalhamos, quer dizer, eu não, mas os pais trabalharam nos cafezal. E de lá viemos (direto) prá Ijuí (RW). Bom, eles vieram aquela época por conta do... do... governo... dos fazendeiros, sei lá, não lembro bem. Aí eles tiveram que trabalhar para pagar... as despesas. Quando tava liquidada então, podiam sair. Eles tinham obrigação de trabalhar, né.”¹¹

Os informantes eram todos crianças quando fizeram a travessia do Atlântico, mas a deduzir dos fragmentos de suas lembranças, seus pais sabiam o tipo de trabalho oferecido nas plantações de café e alguns deles contavam com a possibilidade de outras opções de trabalho, uma vez chegados ao Brasil e cumpridos os compromissos assumidos no momento do embarque. Mas para muitos imigrantes a vida nas fazendas dos cafeicultores era tão dura que os obrigou a abreviar sua estadia com a fuga:

“Eles disseram que nós era imigrante, mas nós paguemos tanto, que era... mesmo a viagem, né. (...)”

Nós não chegamos a ver dinheiro lá. Nós compremos numa... cooperativa. E lá eles (des)contavam, né. Mas nós nunca enxergava dinheiro. Nós só trabalhamos, eles descontaram a nossa comida que nós comemos lá. Nós nunca enxerguemos dinheiro lá... (...) E... depois nós fugimos de lá! Com carroça de boi, até... Ribeirão Preto. (...) em Ribeirão Preto nós tava escondido 14 dias. E depois nós fomos até...”¹²

Curiosamente, mesmo aquela família de pequenos proprietários, cujo chefe gostaria de tornar-se um "granjeiro", teve seu destino associado ao dos outros romenos por viajar no mesmo navio que estes e não ter, aqui no Brasil, a quem recorrer para explicar que eles próprios tinham custeado sua viagem:

"É lá era pouca terra. Então meu pai veio para cá. Que eles prometiam terra prá nós, prometiam maquinário; tu ganhava uma junta de boi e vaca e tudo. Tudo isso prometiam, tudo pro meu pai. E chegemos aqui não ganhamos nada. Viemos aqui, como lá nos fazendeiros de café, né. Lá nos tivemos que colher café; nós era entre... quatro irmãs, a mãe, o pai; quatro, cinco, seis, sete né, sete pessoas. Trabalhemos três anos prá pagar a nossa viagem. Que nós já tinha pago. Mas nós viemos junto com esses outros que os fazendeiros mandaram vir. Meu pai não queria esperar, vim outro vapor, né, outro navio. Então ele disse "eu quero ir com esse navio; pagou toda a passagem dele, depois teve que trabalhar três anos prá terminar de pagar, tudo aquilo né. E daí quando ele tinha pago tudo, daí nós fomos embora prá São Paulo. Daí meu trabalhou lá na Antártica, em São Paulo, um tempo né. Depois ele veio, nós viemos pro Rio Grande, que esse Wornath tava aqui. E era solteiro, né. Então ele já tava namorando minha irmã lá em São Paulo, quando eles tavam na mesma fazenda onde nós tava né."¹³

Para os romenos que eram proprietários na Europa, ainda que as condições de vida não fossem tão duras, a situação de empregado, muitas vezes lado a lado com descendentes de escravos, era desconfortável o bastante para motivá-los a abandonar os cafezais.

"Porque ali... não era bom, né. Ganhavam pouco e... trabalhavam lá como agregados, né, funcionários... no cafezal. Aquilo não é moleza. Então ajuntaram a gurizada e vieram prá cá. Não só meus pais (...) Na minha parentagem, por exemplo, veio os avós, uns quantos tios, assim por diante."¹⁴

Não, não, eles gostariam mais a colonização aqui, em Rio Grande, porque nós tinha colônia lá na Europa também, terras né."¹⁵

Laços culturais entre os imigrantes

Para algumas destas famílias de teuto-romenos a opção por Ijuí já estava delineada na Europa devido a uma correspondência com um influente ijuicense.¹⁴ Considerando os laços étnicos e de parentesco que já existiam entre essas famílias e os que

se formaram nos cafezais paulistas, é compreensível que informações sobre o município de Ijuí tenham se disseminado, tornando a vinda para esta cidade uma opção coletiva.¹⁷ Uma família que veio em 1930, quando a pressão do regime comunista se fazia mais forte, obteve notícias de Ijuí através de parentes que emigraram nessa leva de meados dos anos vinte; pelo relato de um de seus membros, fica claro que o Brasil não era a única, nem a melhor, alternativa à Romênia.

“Antes de nós já veio a família Roger. Eles são parentes. E nós viemos porque eles escreveram que aqui no Brasil é bom e... a liberdade; e também indicaram o endereço, né, Ijuí. O plano era... meu finado pai queria ir pro Canadá? Mas como eu tinha um problema de visão, então os EUA não aceitaram. Eles todos podiam ir, menos eu. Daí o pai diz “não, então eu não vou deixar um filho ali, prá trás, prá ir aos EUA”. Então disseram, “não, pro Brasil pode ir mesmo assim”. Brasil sempre recebeu qualquer coisa (sorrindo). Então nós viemos pro Brasil, mas já indicado pelo endereço dos Boger.”¹⁸

A narrativa que segue ilustra, de forma pitoresca, a identidade cultural como um fator determinante da opção dos europeus por Ijuí:

“Nós viemos junto (...) e fomos na mesma fazenda. Mas eles foram embora antes que nós. E vieram direto pro Rio Grande e ficaram aqui. E quando nós tava em São Paulo, então o danado do cunhado escrevia lá prá minha irmã, prá nós vim prá cá, que aqui era bom, que era que nem a Alemanha, que tinha igreja, que batia sino, de domingo, prá gente ir nos culto e tudo. Ah meu pai ficou loco, né. Diz, “então vamos pro pro Rio Grande”. Viemos prá cá.”¹⁹

NOTAS

- 1 – Os depoimentos aqui reunidos fazem parte do capítulo sobre a “Procedência dos Trabalhadores” da dissertação de Mestrado *A Formação do Trabalhador Fabril: História Oral em Ijuí/RS*. Ver também: Die Deutschen und die Industrialisierung in Ijuí, *Stadens-Jahrbuch*, São Paulo, Fundação Martius, 36:97-100, 1988.
- 2 – Frederico Dietterle Filho, entrevista, 3 nov. 1986.
- 3 – Alma Frey Schlenker, entrev., 24 out. 1986.
- 4 – Natália Schelske Reichle, entrev. 30 de out. 1986.
- 5 – Henrique Boger, entrev. 3 junho 1986.
- 6 – F. Dietterle Filho, idem. Eles deixaram a Romênia em 1930.
- 7 – H. Wornath, entrev. 4 maio 1986. Saíram ele e o irmão.
- 8 – Natália S. Reichle, idem.

- 9 – "... era 25, 1925. Me lembro, ainda guardemos Natal em cima do navio. Nós viajemos 23 dias em cima do navio. Não era navio de passageiro, mas era navio de carga" (H. Wornath, *idem*).
- 10 – H. Roger, *idem*.
- 11 – R. Döring, entrev. 20 out. 1986. Depois ele comenta que ele próprio, aos 8 anos, também ajudou a colher café.
- 12 – Alma F. Schlenker, *idem*. A fuga foi coletiva para diversas famílias que alugaram um vagão num trem que os transportou até Cruz Alta. Nessa viagem também passaram fome. Em C. alta, lotaram novamente um vagão que os trouxe até Ijuí. Isso teria ocorrido em 1930. Destes acontecimentos, relativamente dramáticos, não foi possível conseguir outra versão.
- 13 – N. S. Reichle, *idem*.
- 14 – R. Döring, *idem*.
- 15 – H. Boger, *idem*. Esse informante contou que eles podiam plantar milho entre os pés de café e criar porcos, o que lhes possibilitava um pequeno comércio com o produto destas atividades.
- 16 – "Até pouco tempo o... viu a carta que ele ainda escreveu prá nós não trazer nada o que quebra, né... Trazer só tudo coisa que não quebra, né, na viagem. O Roberto Löw, que... por intermédio do Roberto Löw nós temos aqui" (Alma F. Schlenker, *idem*). Informação semelhante é fornecida pelo sr. H. Roger.
- 17 – O fato de Ijuí ser visto como uma "colônia alemã" funcionou como elemento de atração também sobre teuto-brasileiros de cidades do rio Grande do Sul.
- 18 – F. Dietterle Filho, *idem*.
- 19 – N. S. Reichle, *idem*; observe-se a comparação com a "Alemanha", lembrando que a narradora nasceu na Romênia e veio para o Brasil com 7 anos.